

INTERAÇÃO VERBAL E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO: ASPECTOS DO DIÁLOGO PESQUISADOR-SUJEITO¹

Lívia Mathias Simão²
Universidade de São Paulo

RESUMO - Neste artigo são examinados alguns aspectos do diálogo entre pesquisador e sujeito enquanto interações verbais que propiciam conhecimento sobre um tema. Para tanto, são descritos resultados de um estudo sobre interação pesquisador-sujeito, referentes a categorias de interação e a tipos de modificações na natureza cognitiva dos relatos verbais do sujeito. Em seguida, são estabelecidas algumas relações entre esses resultados e determinadas funções da linguagem humana, buscando-se compreender como ações verbais podem propiciar construção de conhecimento sobre um tema.

Palavras-chave: construção de conhecimento; interação verbal; interação pesquisador-sujeito.

VERBAL INTERACTION AND KNOWLEDGE CONSTRUCTION: SOME ASPECTS OF RESEARCHER-SUBJECT DIALOGUE

ABSTRACT - This article examines some aspects of the dialogue between the researcher and the subject while being considered verbal interactions leading to a knowledge about a theme. Therefore we present a description of the results of a study about this interaction between the researcher and the subject that refers to categories of interaction and to types of modification found in the cognitive nature of the subject's verbal reports. Afterwards some relations between these results and certain functions of the human language are established trying to understand how

¹ Versão modificada de parte da tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 1988, sob orientação da Professora Doutora Carolina Martuscelli Bori, a quem a autora agradece.

² Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Pesquisadora do CNPq.
Endereço: Departamento de Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo - Caixa Postal 66261 - CEP 05508 - São Paulo - SP.

verbal actions may lead to construction of knowledge about a theme.

Key-words: knowledge construction; verbal interaction; researcher - subject dialogue.

Qual a relação entre nossa experiência cotidiana, vivendo a história e o destino de nossas vidas, por um lado, e a "autoridade intangível e anônima que representa a voz da ciência", por outro? Esta é, para Gadamer, a questão filosófica central de nossa época, originada pelo advento da ciência moderna (Gadamer, 1982, p. 27).

Trazida para o campo das chamadas ciências humanas, esta questão toca à relação entre o fato particular e significativo para a pessoa que o experimenta e o detém subjetivamente, por um lado, e o significado geral daquele mesmo fato para a pessoa que tenta compreendê-lo cientificamente, por outro.

Estas pessoas, envolvidas com o significado dos fatos, podem ser o mesmo indivíduo em diferentes momentos, como quando, por exemplo, uma pessoa busca compreender, segundo modelos teóricos da Psicologia, Sociologia ou Antropologia, fatos que ela própria vivenciou anteriormente. Mas aquelas pessoas podem ser também dois indivíduos diferentes, caso provavelmente mais comum nas ciências humanas, como quando, por exemplo, um pesquisador em Psicologia, Sociologia ou Antropologia, busca compreender o significado de relatos de fatos vividos por outra pessoa.

No presente artigo nos ateremos ao exame de uma situação pertencente ao segundo caso. Buscaremos apontar alguns aspectos que consideramos importantes no diálogo entre pesquisador e sujeito, quando o sujeito relata ao pesquisador fatos sobre um fenômeno que é tema de pesquisa (ao qual chamaremos, daqui por diante, abreviadamente, de *fenômeno-tema*).

Durante os diálogos entre pesquisador e sujeito, este último relata fatos por ele vivenciados que vão interessar ao pesquisador enquanto fatos exemplares de proposições gerais. Nessa situação, portanto, há de um lado o conjunto de informações singulares dadas pelo sujeito a respeito de um fenômeno e, de outro, a busca de conhecimento generalizante sobre aquele fenômeno, pelo pesquisador. Entendemos, por isso, que o diálogo que se estabelece entre pesquisador e sujeito, durante sessões de coleta de informações, faz parte de um processo psicológico que toca àquela questão filosófica colocada por Gadamer (1982).

Passaremos agora a expor alguns aspectos desse processo psicológico, sobre os quais pensamos ser importante refletir. Para tanto vamos nos valer de parte dos resultados de uma pesquisa anterior a respeito de interações pesquisador-sujeito (Simão, 1986).

Analisamos interações verbais pesquisador-sujeito ocorridas durante 8 sessões de coleta de informações, com o mesmo sujeito, a respeito de um *fenômeno-tema*. As informações foram coletadas através de um procedimento envolvendo atividades formalmente planejadas pelo pesquisador para que o sujeito fizesse relatos a respeito do tema, conforme metodologia já utilizada anteriormente (Bori, Botomé, Dal Pian, De Rose e Tunes, 1978; Tunes, 1981; Simão, 1982a, 1982b, 1986). Este procedimento de coleta de informações envolve a reapresentação cumulativa e sistematizada dos relatos do sujeito de sessão para sessão, de modo que na segunda sessão o sujeito conta, para prosseguir seu relato, com a reapresentação sistematizada do que havia dito na primeira sessão a respeito do tema; na terceira sessão, conta com a

reapresentação sistematizada do que havia dito nas primeira e segunda sessões, e assim por diante. Optamos por examinar interações pesquisador-sujeito ocorridas sob as condições deste procedimento de coleta de informações porque, justamente devido a tal peculiaridade, ficavam mais evidentes algumas classes de ação do sujeito e do pesquisador supostamente presentes em interações planejadas para fins de pesquisa.³

Buscávamos identificar classes de ações do pesquisador e do sujeito durante o diálogo para, em seguida, determinarmos como tais classes operavam na *construção de conhecimento* sobre o tema de pesquisa. Designamos por *construção de conhecimento* o processo que tem lugar durante o diálogo entre dois ou mais interlocutores a respeito de um tema. No presente caso, trata-se do processo que ocorre durante o diálogo entre pesquisador e sujeito a respeito de um tema de pesquisa. Ao longo do tempo, sob condições da própria interação verbal, as informações veiculadas entre pesquisador e sujeito vão se modificando, se transformando, e é a este processo que chamamos *construção de conhecimento*.

Obtivemos como resultado da análise de interações pesquisador-sujeito um sistema de quatro categorias funcionais de interação. Tais categorias expressam como, durante o diálogo, as *ações verbais* do sujeito e do pesquisador propiciaram condições para que ocorresse construção de conhecimento sobre o tema de pesquisa. Cabe esclarecer que estamos chamando de *ação verbal* à verbalização tomada em seu caráter de ação social, envolvendo portanto intencionalidade e planejamento visando um fim, por parte de quem a pratica. Nas interações sociais as ações verbais dos interlocutores são reciprocamente orientadas (Weber, 1944; Parsons e Shils, 1951; Cranach, 1979; Cranach, Machler e Steiner, 1985).

A Categoria I, a menos complexa do sistema, é constituída por interações verbais nas quais pesquisador e sujeito dão indicações de estarem ou não compreendendo o conteúdo do diálogo.

São interações que mantêm o diálogo durante as sessões, alterando ou não seu curso, pois um interlocutor indica se está ou não compreendendo - e portanto se está "atento e acompanhando" - o que o outro lhe diz. Trata-se, pois, da categoria mais básica do sistema, no sentido de que as interações que a definem mantêm o diálogo, criando oportunidade para a ocorrência de interações de natureza mais complexa. Esta categoria de interação ocorre, por exemplo, quando o sujeito comunica ao pesquisador uma inferência que fez a respeito do *fenômeno-tema* e o pesquisador indica se está entendendo ou não o que o sujeito está lhe dizendo. Como consequência desta interação (pertencente à Categoria I), o sujeito pode, ou prosseguir na comunicação de suas inferências, ou fazer descrições, visando que o pesquisador entenda melhor aquelas inferências. Em ambos os casos, amplia-se o universo de informações sobre o tema de pesquisa.

Em ordem crescente de complexidade, segue-se a Categoria II. Ela é constituída por interações que tornam presentes as condições instrucionais planejadas pelo pesquisador para nortear o conteúdo dos relatos do sujeito.

³ Para maiores detalhes ver Simão, 1988, pp. 16-30 e 37-48.

Nesta categoria o pesquisador fornece instruções sobre como o sujeito deve se se desempenhar durante a sessão, bem como esclarece dúvidas que o sujeito possa ter a esse respeito⁴. Nesta medida, o pesquisador orienta o sujeito para que ele faça relatos sobre o *fenômeno-tema* (e não sobre quaisquer outros assuntos). Um exemplo de interação pertencente a esta categoria é o fato do pesquisador instruir o sujeito para que ele relate episódios do *fenômeno-tema* que lhe pareçam relevantes e o sujeito, em resposta, descrever eventos e inferir sobre eles ampliando assim o universo de informações coletadas pelo pesquisador.

Prosseguindo-se na ordem crescente de complexidade, segue-se a Categoria III. Ela é definida por interações nas quais o pesquisador ou o sujeito informam um ao outro sobre o significado que as descrições e inferências comunicadas estão tendo para eles.

São interações que geram condições para a construção conjunta de conhecimento, pois através delas um interlocutor torna seus eventos privados acessíveis ao outro, no tocante à análise do fenômeno que é tema de pesquisa. Trata-se de uma categoria de interação que caracteriza, por assim dizer, uma "discussão na qual um interlocutor expõe ao outro como está raciocinando sobre o que foi dito a respeito do tema". Desta forma, critérios utilizados para o estabelecimento de relações de significado por um interlocutor podem ser levados em consideração pelo outro. Interações desta categoria ocorrem, por exemplo, quando o pesquisador expõe para o sujeito o que está depreendendo de seu relato sobre o tema e o sujeito prossegue descrevendo outros eventos ou comunicando novas inferências. Como consequência desta interação o pesquisador pode indagar o sujeito sobre novas inferências comunicadas e este, por sua vez, pode descrever outros eventos do fenômeno que é tema dos diálogos. Desta forma, o sujeito adiciona informações em resposta às intervenções do pesquisador, ampliando o universo de informações sobre o tema. Neste caso, podemos dizer que o pesquisador agiu na construção de conhecimento, através de indicação de inteligibilidade e de indagação sobre inferências comunicadas pelo sujeito, havendo neste sentido construção conjunta de conhecimento.

Finalmente, a Categoria IV é constituída por interações nas quais um interlocutor comunica ao outro descrições e/ou inferências feitas a respeito do fenômeno que é tema de pesquisa.

Interações desta categoria ocorrem, por exemplo, quando, após obter indicação de que o pesquisador está compreendendo o que lhe está sendo dito, o sujeito prossegue seu relato comunicando inferências sobre o *fenômeno-tema*. Ou então, por exemplo, quando, após o pesquisador fazer indagações sobre o *fenômeno-tema*, o sujeito, em resposta, descreve eventos do referido fenômeno. Como consequência desta categoria de interação, pesquisador e sujeito obtêm "descrições, idéias, juízos e explicações" a respeito de episódios do *fenômeno-tema*. Trata-se, em resumo, do conteúdo do conhecimento sobre o *fenômeno-tema*.

Examinando as interações pertencentes a esta Categoria IV, especificamente quanto à natureza das inferências comunicadas pelo sujeito, observamos que houve modificações nas mesmas, de sessão para sessão, as quais resumiremos a seguir.⁵

⁴ Todas as condições formalmente planejadas e implementadas pelo pesquisador foram consideradas nesta categoria (cf. Simão, 1988, p.89).

⁵ Para maiores detalhes sobre estas modificações, ver Simão, 1988, pp. 100-113.

Conforme acabamos de mencionar, durante as sessões, ao dialogar com o pesquisador, o sujeito "expunha suas observações, idéias, juízos e explicações" a respeito de episódios do *fenômeno-tema*. Tal exposição era feita através da enunciação de proposições factuais, classificatórias, explicativas e conclusivas. Estas proposições, por sua vez, se ligavam, no discurso do sujeito, à descrição de episódios particulares. Tal ligação entre proposições e descrições de episódios se dava através de uma entre duas formas: indutiva ou dedutiva.

Na *forma indutiva*, o sujeito descrevia episódios, relacionando-os entre si e, a partir da relação estabelecida entre episódios singulares, enunciava uma proposição mais geral sobre o *fenômeno-tema*. Trata-se aqui de uma ligação entre eventos e proposições peculiar à inferência indutiva no *raciocínio corrente*: o ponto de partida são os fatos (episódios, eventos) e deles busca-se extrair uma relação simples e geral (proposições classificatórias, factuais, explicativas e conclusivas), isolando dos fatos certos elementos abstratos e gerais (Cuvillier, 1938, Tomo I, p.524).

Na *forma dedutiva*, o sujeito enunciava uma proposição e daí passava a embasar a veracidade da mesma descrevendo e relacionando episódios singulares entre si. Trata-se aqui de uma ligação entre proposições e eventos peculiar à inferência dedutiva no *raciocínio corrente*: parte-se da conclusão (proposições), que é colocada como uma hipótese a ser demonstrada pela relação entre fatos (episódios, eventos) (Cuvillier, 1938, Tomo I, p. 522-523).

No conjunto dos diálogos pesquisador-sujeito que examinamos, inicialmente o sujeito comunicou inferências dedutivas, passando depois a comunicar inferências indutivas.

Observamos também que um segundo aspecto das inferências do sujeito se modificou ao longo das sessões, sob as condições de interação com o pesquisador. Trata-se do nível de abstração envolvido nas relações que o sujeito estabelecia entre episódios do *fenômeno-tema*. Inicialmente o sujeito relacionava episódios singulares entre si, passando depois a relacionar entre si episódios pertencentes a determinadas classes de eventos que ele próprio identificara e, finalmente, a estabelecer relações entre classes de eventos.

O exame das inferências comunicadas pelo sujeito evidenciou ainda modificações em um terceiro aspecto: o tipo de informação que o sujeito fornecia ao pesquisador como resultado de suas inferências. Houve inicialmente informações sobre episódios que eram exemplos de ocorrências de uma dada classe. Estas informações foram acrescidas por outras que se referiam a proposições gerais sobre o *fenômeno-tema*. E estas informações, por sua vez, foram acrescidas por definições de ações práticas a serem implementadas pelo sujeito na situação por ele vivenciada, e aue era tema de pesquisa.

Estes resultados que acabamos de sintetizar evidenciam dois aspectos relevantes para a presente discussão. Primeiro, o fato de que *houve alterações nas inferências comunicadas pelo sujeito, quando ele interagiu com o pesquisador segundo aquelas quatro categorias de interação*⁶. Os relatos do sujeito se transformaram com

⁶ Uma discussão a respeito de características peculiares à interação social que possibilitariam construção de conhecimento pode ser encontrada em Simão (1988; 1989).

respeito à natureza das abstrações, classificações e relações entre eventos presentes no relatado, ou seja, *ocorreram transformações no caráter cognitivo do relatado pelo sujeito*. Segundo, as inferências comunicadas pelo sujeito envolveram o *estabelecimento de relações generalizantes referentes ao universo delimitado pelo tema do diálogo (fenômeno-tema)*.

Estes fatos nos parecem estar intimamente ligados a determinadas funções da linguagem abordadas por diversos autores, que procuraremos sintetizar a seguir. O curioso e relevante aqui é notar que, mesmo sob pontos de vista que diferem epistemologicamente, há determinadas funções da linguagem que são consideradas portados eles, funções estas que permitiriam aquelas mudanças nas inferências comunicadas pelo sujeito, conforme observamos.

Luria destaca uma primeira função da linguagem ao afirmar que:

"(...) designando objetos e eventos do mundo exterior com palavras isoladas ou combinações de palavras, a linguagem permite *discriminar esses objetos, dirigir a atenção para eles e conservá-los na memória*. Resulta daí que o homem *está em condições de lidar com objetos do mundo exterior inclusive quando eles estão ausentes*" (1979, vol. 1, p. 80).

Trata-se, portanto, de uma função instrumental da linguagem, na medida em que ela capacita o ser humano a *operar abstratamente com eventos do mundo exterior*, tornando-o independente da imediaticidade daquilo que existe ou está presente de maneira concreta.

Esta mesma função da linguagem é apontada por Gadamer, numa abordagem diversa da de Luria. Para Gadamer, a linguagem não é um instrumento de representação do mundo exterior, ou um dos meios de mediação entre a consciência e o mundo, mas antes uma condição para construção do sujeito e do mundo, inseparáveis *a priori*. Para Gadamer, a linguagem não é um instrumento porque nunca nos encontramos conscientes para além do mundo linguístico e, então, tomamos a linguagem como uma ferramenta de compreensão e comunicação. Ao contrário, para Gadamer, em todo conhecimento de nós mesmos e em todo conhecimento do mundo nós já estamos circunscritos pela linguagem: só podemos pensar linguisticamente. Por isso, aprender a falar não significa aprender a usar uma ferramenta pré-existente para designar um mundo já algo familiar para nós. Significa adquirir uma familiaridade e conhecimento do próprio mundo e de como ele se confronta conosco (1977, pp. 62-63).

Mas, embora se apartando de Luria quanto à função instrumental da linguagem, destaca-se também na abordagem de Gadamer a função de abstração da linguagem, que possibilita o que podemos chamar de "permanência do ausente". Segundo Gadamer, foi Aristóteles quem primeiro destacou esta função da linguagem, ao utilizar a palavra *logos* (linguagem) para designar a capacidade que distingue o ser humano dos outros animais porque lhe permite ter o senso de futuro: ele pode ir além do que está presente de fato e pode tornar presente através da fala o que não está manifestamente presente (1977, pp. 59-60).

No caso de interações pesquisador-sujeito, esta função da linguagem permite ao sujeito descrever eventos da situação que vivenciou e que é tema de pesquisa, eventos estes que ele diferenciou, sobre os quais dirigiu sua atenção e os quais conservou na memória. Por isso, comumente há um "recorte do sujeito" ao fazer relatos

sobre uma situação passada, que ele "torna presente" através do relatado⁷.

Nos resultados do estudo a que vimos nos referindo, esta função da linguagem se expressou quando o sujeito relatou ao pesquisador episódios singulares do *fenômeno-tema* de pesquisa, os quais ele diferenciou, conservou na memória e relacionou entre si.

Através de caminhos epistemológicos diversos, Wittgenstein também considera que a linguagem é "ela própria veículo de pensamento" (1987, # 329, p. 371). Para Wittgenstein, o papel da linguagem não é descrever como as coisas são, isto é, sua função não é representacional, uma vez que o significado das palavras não seria dado por características *a priori* dos objetos ou eventos que elas designam. O significado, ao invés, seria determinado pelo uso que se faz da palavra enquanto "sinal" trocado entre pessoas no curso de atividades sociais planejadas (Bloor, 1983; Coutinho, 1986)⁸. O pensamento, por sua vez, "não é uma subestrutura de linguagem, nem um processo autônomo. Ao invés, ele é visto como parte da linguagem, isto é, um falar sem som... (Coutinho, 1988, p. 20). Nesta perspectiva, para Wittgenstein (Investigações Filosóficas), a linguagem é uma prática social que participa na modelação da experiência individual, que é interna. Isto porque o significado da palavra é dado pelo uso que dela se faz, ou seja, é criado por atos de uso intencionais no curso de relações interpessoais. Conforme Coutinho, "fazemos distinções quando notamos diferenças que são importantes para nós, dados nosso organismo, nosso *background*, os tipos de metas que temos, bem como certos aspectos do mundo. Por esta razão, nossas formas de representação do mundo não podem ser consideradas independentemente de nossa prática social: elas são parte dela" (1988, p.16).

Isto nos remete a uma segunda função da linguagem apontada por Luria (1979): a de *possibilitar o desenvolvimento cognitivo individual*. Esta função nos interessa aqui por denotar o caráter de modificação cognitiva que a linguagem possibilita, bem como pela gênese social dessa modificação, pois, no caso de interações pesquisador-sujeito, trata-se de modificações nas inferências comunicadas pelo sujeito, durante interações verbais.

Segundo Luria (1979), a necessidade das pessoas se comunicarem no processo interativo social possibilitou o aparecimento de todo um sistema de códigos que evoluiu gradualmente com as solicitações de comunicação durante atividades que viviam um fim comum. Portanto, a linguagem teria surgido no processo interativo, acarretando modificações de caráter cognitivo (sistema de códigos) nas pessoas envolvidas.

Isto nos remete a uma terceira função da linguagem apontada por Luria. Segundo ele:

"... as palavras de uma língua não apenas indicam determinadas coisas como abstraem propriedades essenciais destas, *relacionam as coisas perceptíveis a determinadas categorias*" (1979, vol. I, p.80, grifo nosso).

"Desse modo, ao mencionar determinada palavra, o homem não apenas reproduz certo con-

⁷ A este respeito ver, por exemplo, GilberteMulkay(1983a; 1983b).

⁸ Sobre a questão do representacionismo possivelmente implícito na abordagem de Wittgenstein, ver Bickhard (1987).

ceito direto, mas suscita praticamente todo um sistema de ligações que vão muito além dos limites de uma situação imediatamente perceptível e têm caráter de matriz complexa de significados, situados num sistema lógico" (1979, vol. IV, p.36).

Esta terceira função da linguagem diz, pois, respeito à *formulação do pensamento categórico*, permitindo as operações de indução e dedução, quer no raciocínio corrente, quer no raciocínio formalizado da ciência.

Segundo Luria (1981), a existência da linguagem capacita o ser humano a tirar conclusões com base em argumentos lógicos, tornando possíveis formas mais complexas de pensamento discursivo, tais como o dedutivo e o indutivo, consideradas as principais formas de atividade intelectual produtiva do homem.

Nos chamados conceitos cotidianos predominam as relações concretas e nos conceitos científicos, as relações lógico-abstratas. Os primeiros se formam com a participação da atividade prática e da experiência figurada direta e os últimos com a participação determinante das operações lógico-verbais. Ambos os tipos de conceitos desempenham papéis relevantes e diversos na vida intelectual do homem e refletem diferentes formas de sua experiência (Luria, 1979, vol. IV, p.39). Mas, conforme salientou Vygotsky (1987), cotidianamente, mesmo o adulto capaz de formar e utilizar conceitos não opera consistentemente no nível das operações lógico-abstratas. Em suas formas complexas de pensar, ele salta constantemente do nível conceitual para o concreto.

Este fato se expressou nos resultados do trabalho ao qual vimos nos referindo, na medida em que o relatado pelo sujeito se alternava entre dois níveis: o nível da atividade prática que desenvolvia e da experiência concreta que possuía, nível este que se mostrava através de relatos de episódios circunstanciais concretos; e o segundo nível, das operações lógico-verbais, que se mostrava através de relatos que se referiam a proposições relativas à descrição de episódios e a relatos de classes de eventos.

Para Luria (1979), devido ao fato da linguagem permitir a formulação do pensamento categórico, ela não é apenas um meio de comunicação, mas também o veículo mais importante de pensamento, uma vez que possibilita a análise e classificação de objetos e eventos, assegurando a abstração e generalização da experiência concreta. Ou seja, a linguagem permite transcender os limites da experiência sensorial, fazer generalizações e formular categorias. Por isso a linguagem é um processo psicológico de formulação e transmissão de pensamento através de recursos da língua.

Analogamente, para Engelmann (1988, 1989), a linguagem envolve relações particulares entre pensamento e palavra. Para compreendermos essas relações precisamos, primeiro, distinguir duas instâncias da consciência individual. A primeira delas, chamada *consciência-1*, é a consciência do eu. Ela é composta de percepções e pensamentos que são imediatamente dados ao eu. Esta instância, a *consciência-1*, é real, no sentido de não ser inferida, sendo por isso a base de todo conhecimento. A segunda instância de consciência, designada por *consciência-2*, é a consciência do outro. Ela é construída, inferida (pelo pesquisador, por exemplo). Ela não é imediatamente dada ao eu, nem pode ser observada diretamente. A instância de *consciência-2* torna-se conhecida, acessível, através de falas, escritos, gestos. Ou seja, o que se pode observar é um representante da consciência do outro, sendo que dentre es-

ses representantes, o relato verbal (do sujeito, por exemplo) é o principal deles. No comportamento de falar sobre algo há uma comunicação do conteúdo da *consciência-2* (descrições e inferências do sujeito, por exemplo). O relatado pelo sujeito seria a parte da *consciência-2* que é captada pelo processo lingüístico.

Em síntese, o que pretendíamos destacar neste artigo é que a linguagem é reconhecida como um processo que ocorre no contexto das interações sociais, possibilitando modificações cognitivas no ser humano, inclusive no nível de abstração envolvido em suas atividades.

No estudo a que vimos nos referindo (Simão, 1988), este processo se fez presente na medida em que o sujeito, dialogando com o pesquisador, operou conceitualmente relatando sobre o *fenômeno-tema* segundo um sistema lógico que foi se modificando ao longo de sucessivas interações: as ações verbais do pesquisador e do sujeito operaram na construção de conhecimento sobre o tema de pesquisa. A maneira pela qual operaram é expressa pelas quatro categorias de interação e o resultado dessa operação foram alterações cognitivas no caráter do relatado pelo sujeito. A possibilidade dessa alteração cognitiva se deveu, em nossa perspectiva, à natureza verbal das interações: o caráter social da linguagem e as funções que ela cumpre seriam, em última instância, responsáveis pela construção desconhecimento resultante das interações pesquisador-sujeito.

Retomemos agora a questão colocada por Gadamer (1982), com a qual iniciamos este artigo, e que dizia respeito ao "fio condutor entre o particular e o geral" na apreensão e compreensão dos fenômenos.

Dissemos, de início, que durante os diálogos entre pesquisador e sujeito, este último relata fatos por ele vivenciados, que vão interessar ao pesquisador enquanto fatos exemplares de proposições gerais. Há, então, de um lado, o conjunto de informações singulares dadas pelo sujeito e, de outro, a busca de conhecimento generalizante pelo pesquisador.

Nossos resultados, até o momento⁹, indicaram que, devido às funções que a linguagem cumpre, o episódio particular vivenciado pelo sujeito inicia seu "caminho para a generalização" já na chamada fase de coleta de dados. Há que se considerar, sem dúvida, que esta passagem do particular para o geral se consuma na posterior etapa de tratamento e análise de dados feita pelo pesquisador. O que observamos, porém, é que sua gênese se inicia em uma fase anterior: na interação pesquisador-sujeito.

A autora desenvolve projeto de pesquisa buscando investigar a maior generalidade desses resultados já obtidos.

REFERÊNCIAS

- Bickhard, M. H. (1987) The social nature of the functional nature of language. Em M. Hickmann (Org.) *Social and functional approaches to language and thought* New York: Academic Press, pp. 39-65.
- Bloor, D. (1983) *Wittgenstein-A social theory of knowledge*. London: The Macmillan Press.
- Bori, C M. Botomé, S. P., Dal Pian, M. C. C, De Rose, J. C. C, & Tunes, E. (1978). Desempenho de professores universitários no levantamento e caracterização de problemas de ensino: descrição de um procedimento. *Anais da VII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, 213-214.
- Coutinho, A. R. (1986). "Dor de dentes" e "atração erótica": a linguagem da experiência privada em Wittgenstein. *Psicologia*, 12(2), 29-46.
- Coutinho, A.R. (1988). "Toothache" and "erotic attraction" - Wittgenstein on the language of inner experience. Mimeografado.
- Cranach, M. von (1979). Elements pour une théorie de la action concrete. *MSH Informations - Bulletin de la Fondation Maison des Sciences de L'Homme*, 30, 3-25.
- Cranach, M. von, Machler, E., & Steiner, V. (1985). The Organization of Goal-Directed Action: A Research Report. Em G. P. Ginsburg, M. Brenner, & M. von Cranach (Orgs.). *Discovery Strategies in the Psychology of Action*. London: Academic Press Inc. pp. 19-61.
- Cuvillier, A. (1938) *Manuel de Philosophie*. Paris: Librairie A. Colin.
- Engelmann, A. (1988). Duas Estruturas de Consciência: Teoria Probabilística e Teoria Geral de Sistemas. *Ciência e Cultura*, 40(4), 347-354.
- Engelmann, A. (1989). Relato verbal, principal representante da consciência-2 humana. *Ciência e Cultura*, 41(7), 680-685.
- Gadamer, H.G. (1977). Man and Language. Em H. G. Gadamer. (Org.). *Philosophical Hermeneutics*, University of California Press, pp. 59-68.
- Gadamer, H.G. (1982). Le Problème Herméneutique. Em H. G. Gadamer. (Org.). *L'Art de Comprendre - Herméneutique et Tradition Philosophique*. Paris: Ed. Aubier Montaigne, pp. 28-47.
- Gilbert, G. N., & Mulkay, M. (1983a). In Search of the Action: Some Methodological Problems of Qualitative Analysis. Em G. N. Gilbert & P. Abell (Orgs.). *Accounts and Action*. Aldershot: Grower.
- Gilbert, G. N., & Mulkay, M. (1983b). Scientist Theory Talk, *Canadian Journal of Sociology*, 8,179-197, (b).
- Luria, A. R. (1979). *Curso de Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (trad. Paulo Bezerra).

- Luria, A. R. (1981). *Lectures on Language and Cognition*. Washington: V. H. Winston and Sons.
- Parsons, T., & Shils, E. A. (1951). *Toward a General Theory of Action*, Cambridge: Harvard University Press.
- Simão, L. M. (1982a). Estudo Descritivo de Relações Professor-Aluno I: a questão do procedimento de coleta de dados. *Psicóloga*, 8(2) 19-32.
- Simão, L. M. (1982b). Estudo Descritivo de Relações Professor-Aluno II: alguns resultados. *Psicologia*, 8(3), 37-59.
- Simão, L. M. (1986). *Relações Professor-Aluno (estudo descritivo através de relatos verbais do professor)*. São Paulo: Editora Ática.
- Simão, L. M. (1988). *Interação Verbal e Construção de Conhecimento*. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Simão, L. M. (1989). Interação Pesquisador-Sujeito: a perspectiva de ação social na construção de conhecimento. *Ciência e Cultura*, 41(12), 1195-1202.
- Tunes, E. (1981). Identificação da Natureza e Origem das Dificuldades de Alunos de Pós-Graduação para Formularem Problema de Pesquisa, Através de Seus Relatos Verbais. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Tunes, E. (1984). Considerações a respeito de relatos verbais como dados, *Psicologia*, 10(1), 1-10.
- Vygotsky (Vigotskii), L. S. (1987). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes (tradução da edição americana de 1962, por Jeferson Luiz Camargo).
- Weber, M. (1944). *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Wittgenstein, L. (1987). *Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Recebido em 08.08.91

Aceito em 30.03.92